

Michael Linn Eldridge*
(1941-2010)

James Campbell

Michael Eldridge nasceu na cidade de Oklahoma OK em 13 de outubro de 1941. Morreu inesperadamente em sua casa em Charlotte, NC, no dia 18 de setembro de 2010 de uma embolia pulmonar que se desenvolveu ao quebrar sua perna num acidente em seu quintal.

Ele começou a educação superior no Harding College em Searcy, AR, onde se graduou em 1964 como um bacharel em linguagens bíblicas. Em seus estudos posteriores, no Abilene Christian College, recebeu um grau BD da Yale Divinity School em 1969. Na ordem dos “Discípulos de Cristo”, Mike passou os próximos cinco anos no ministério de Baltimore, MD, trabalhando sucessivamente em duas igrejas, uma que pertencia aos Discípulos e a outra da United Church of Christ. Eventualmente, ele andou da igreja à comunidade organizando o trabalho da (para a) cidade de Baltimore. Mike, então, ensinou ética na Ethical Culture Fieldston School no Bronx de 1975 a 1978.

Mike retornou à educação superior em 1978, fazendo, também, seu primeiro curso de Filosofia e eventualmente fazendo um mestrado em Filosofia pela Columbia University em 1980. Foi premiado com um PhD pela Universidade da Flórida com quarenta anos em 1985 com a dissertação intitulada: “Philosophy as Religion: A study in Critical Devotion” (Filosofia como Religião: Um estudo em Devoção Crítica).

Após alguns anos como instrutor na Flórida. Mike entrou num duro mercado de trabalho; e na tentativa de maximizar seu conhecimento de grego e latim, ele se ofereceu como professor de filosofia antiga. O meu primeiro encontro com Mike foi nesse ponto, quando ele passou alguns dias em Toledo numa desafortunada entrevista de emprego em minha Universidade. Baseado neste breve encontro, eu não duvido que tenha se tornado um excelente professor de filosofia antiga se seguisse nesta mesma linha, mas todos nós sofreríamos uma grande perda (no pragmatismo).

Em 1986 Mike empregou-se para ensinar filosofia no Spring Hill College em Mobile, AL, e ensinou lá até 1989. Ele então se mudou para Queen’s College em Charlotte, onde lecionou com aparente sucesso – aproximando-se, em 1993, do direito a posse de uma disciplina com um recorde numa cadeira efetiva recebendo um prêmio de “Professor do Ano” – até 1994, quando diferenças teológicas com a administração presbiteriana levaram-no a sua demissão. Mike desembarcou na

* Tradução de Eustáquio José e Rebeca Virna.

Universidade da Carolina do Norte em Charlotte como conferencista permanente, uma posição que conservou até sua aposentadoria em 2008. Mais do que um titular naquela função, ele estava profundamente envolvido na vida do Departamento e na Educação Universitária. Ele serviu, por exemplo, por muito tempo como coordenador na Universidade de Filosofia.

Durante seus anos em Charlotte, Mike foi também um scholar muito ativo. Suas publicações incluíram: *Transforming Experience: John Dewey's Cultural Instrumentalism* (Vanderbilt University Press, 1998); a “Introdução” para o Segundo volume do *The Correspondence of John Dewey* (InteLex, 2001); e numerosos artigos e entradas na enciclopédia sobre vários aspectos da filosofia americana e a situação da alta educação americana. Mike também administrou a website: www.obamaspragmatism.info.

Na cena filosófica internacional, Mike serviu como conferencista na Universidade de Szeged, Hungria (2004). Também foi participante convidado em numerosas conferências internacionais. Entre os países que ele visitou como um embaixador da filosofia americana estão: Cuba, Brasil, Finlândia, Eslováquia, Polônia, Alemanha, República Tcheca, Hungria, Turquia, China e Coréia do Sul.

Algumas das memórias de nossas viagens juntos – em adição, naturalmente, ao trabalho filosófico real – incluído um painel para um congresso em Porto Alegre, Brasil, onde Mike apreciou ter sua imagem mostrada em uma tela imensa sobre sua cabeça enquanto falava; uma viagem de ônibus por uma comunidade pobre perto de Xangai, quando Mike se molhou por ter sentado perto de uma janela quebrada; uma refeição silenciosa a base de carne de cervo sob o sol da meia noite de Helsinki; e a missão pelo melhor sorvete de todos em Cádiz.

Por vários anos, Mike foi muito ativo nas programações dos encontros anuais da Sociedade para o Avanço da Filosofia Americana. Ele eventualmente foi eleito para o cargo de secretário, posição que ocupou com bastante entusiasmo e dedicação de 2006 a 2010. Quando ele renunciou ano passado, foi homenageado pela Sociedade com o prêmio Josiah Royce por sua lealdade em muitos anos de serviço.

Diferente de alguns filósofos cuja vida e trabalho parecem projetos distintos, Mike revelou muito de si em seus escritos. Seus tópicos eram os seus, não desenhados sobre o que estava ‘no ar’; seu estilo era pessoal, lento e cuidadoso. O que eu gostaria de fazer com meu tempo restante neste artigo era desenvolver um retrato parcial de Mike esboçando algumas de suas ideias filosóficas sobre temas como educação superior, mudanças políticas e renovação religiosa.

Começando pela educação superior. Mike escreveu uma revisão detalhada do meu volume sobre os primeiros anos da American Philosophical Association¹. Sua análise começou de forma nada promissora como segue: "Este não é um livro que todos deveriam ler"; mas Mike salva a si mesmo quando ele continua escrevendo que é um livro que "qualquer pessoa que se preocupa com a nossa profissão" e como ela chegou a sua situação atual "deveria estudar cuidadosamente"². Podemos considerar, por exemplo, seu resumo minucioso da natureza e funcionamento das faculdades mais tradicionais:

A filosofia acadêmica nos Estados Unidos no século XIX foi concentrada com maior frequência em pequenas universidades e estava confinada a um único curso ministrado pelo Ministro-presidente Protestante. E por "*pequenas*" e quero dizer realmente pequenas. As faculdades, em muitas das vezes não tinham mais do que meia dúzia de colegas professoras treinados e educados. Eles se viam como sendo transmissores de conhecimento, em vez de produtores originais do mesmo. A filosofia que era ensinada teve suas origens na Europa e foi uma síntese instável, em última análise, do empirismo, do Cristianismo e da metafísica de uma realidade que está além da experiência. Foi, acima de tudo, de orientação prática e anticética. Esse *sensu comum realista escocês*, como era conhecido, foi considerado seguro e necessário para a educação de um cavalheiro cristão, que era o objetivo da faculdade produzir. A filosofia não era feita para sua própria causa; era para uma parte especial da comunidade, isto é, um segmento profissional e economicamente educado da sociedade. Isto apoiou a orientação evangélica da comunidade, permitindo seus professores e alunos abraçarem plenamente a evolução científica e tecnológica do momento³.

Este mundo acadêmico estava sendo incomodado pelo darwinismo, o mais alto criticismo bíblico, e pelas muitas mudanças na área industrial e social resultantes da Guerra Civil.

Para uma deweyano como Mike este momento representou uma grande possibilidade de redesenhar um sistema de ensino superior - com a filosofia em seu núcleo - para desenvolver uma concepção alternativa do bem social. Sabemos, evidentemente, que as coisas sucederam de forma diferente; que os líderes (e talvez os membros) da Western Philosophical Association e da American Philosophical Association estavam mais interessados numa investigação filosófica restrita e em desenvolver "trabalhos originais." Como Mike escreveu:

A atenção para o ensino, a produção de livros didáticos, a transmissão das realizações filosóficas passadas - tudo dentro de um entendimento convencional da cultura - eram o que eles estavam buscando ir além. Estas foram as ênfases das faculdades. Esses filósofos profissionais recentes estavam desenvolvendo um grupo de apoio que lhes permitissem ser uma parte da nova educação rigorosa e científica que emergia do fim do século XIX ... essa profissão transformada valoraria a investigação original também através das salas de aula e fóruns públicos. O que a filosofia se tornou no século XX não foi um mero acidente; foi, na verdade, uma profissão bem pensada mesmo que alguns de nós agora questionem a sabedoria desta ação planejada.⁴

Esta abdicação de uma função pública pela profissão filosófica incomodava Mike. Tanto porque retirava da filosofia uma tarefa social mais importante quanto privava aqueles que foram tão engajados de alguma ajuda filosófica.

Passando agora para o trabalho de Mike na filosofia política, todos nós sabemos que ele encontrou suporte em Dewey para resolver os problemas da mudança social. (Duvido que ele tivesse encontrado ajuda semelhante em Platão e Aristóteles, caso tivesse continuado na filosofia antiga).

Um dos temas para o qual Mike retornava sempre era o comentário de Dewey de que ele não tinha tentado "praticizar a inteligência", mas sim "intelectualizar a prática"⁵. Mike tomou desta distinção que a prática social era o nosso interesse primário, embora muitas vezes ela seja impensada e míope.

Nós agimos por hábito, mas às vezes nossas maneiras habituais de agir deixam de ser formas eficazes de satisfazer as nossas necessidades." Nestes casos, quando há "uma discrepância entre os nossos interesses e satisfações" precisamos examinar nossas práticas e encontrar uma melhor adequação entre meios e fins". Quando decidimos que a diferença entre os dois tornou-se muito grande devemos "repensar o que estamos fazendo", seguindo as sugestões de Dewey para "deliberação e experimentação"⁶.

O tema da complexidade da mudança inteligente foi outro aspecto importante do pensamento social de Mike. Ele observa repetidamente que nós temos o poder de modificar o nosso futuro: "não temos de pegar apenas o que vier". Nós podemos desenvolver nossos interesses usando "algumas atividades para alcançar os outros", e "seu campo de ação indireta é a inteligência"⁷. Mike percebeu, no entanto, que mudança inteligente não significa necessariamente mudança pacífica:

Eu cresci numa sociedade segregada. Lembro-me de escolas separadas para negros e brancos, banheiros e bebedouros separados, e confrontações raciais violentas. Não penso que o movimento pelos direitos civis dos anos cinquenta e sessenta poderia ter o sucesso que teve em transformar aquela situação desesperada, deplorável sem alguma coisa a mais que discussão, comunicação e boa vontade. Nós precisávamos das confrontações, por vezes dolorosas, que geralmente eram ocasionadas pelas táticas agressivas do movimento pelos direitos civis.

Mike continua, contudo, que "educação, se estamos falando de educação de escola que ocorre por deliberação pública, é preferível à mudança violenta, particularmente se a violência é permitida prevalecer e deslocar os esforços deliberativos"⁸

O terceiro tema central é o foco de Mike há longo prazo. Como ele escreve, o objetivo de uma tecnologia política democrática é criar uma ordem social que liberta os indivíduos;

isto não é mera vitória política. “O objetivo da política democrática é "a ampla distribuição de poder, e não sua concentração. "Para Mike, o melhor meio disponível para distribuição de energia foi" Tornar inteligível a prática política "através da adoção de orientações estratégicas, tais como:

- (1) Ser mais cuidadoso com políticos idealistas e operativas, pois ambos separam ideais e métodos.
- (2) perceber que nem a situação existente nem uma suposta alternativa são absolutas. A situação atual foi originada pela atividade humana; portanto, pode ser reconstruída...
- (3) empregar o questionamento social tanto para identificar a prática a ser mudado (incluindo suas condições e consequências) como o fim a ser realizado em vista
- (4) Usar o questionamento social para criar um público... Públicos não são dados ou encontrados; eles são criados através da comunicação aberta e informada e pela auto-identificação no que se refere a necessidades e propósitos comuns. Públicos são feitos, não surgem, e são feitos através do questionamento.
- (5) Procurar por solos conciliadores – isto é comuns.
- (6) Empregar meios democráticos para realizar fins democráticos⁹.

Mike também escreveu sobre o lugar da filosofia nesse processo da mudança social inteligente: “a tarefa do filósofo social é encorajar o desenvolvimento do método da inteligência social; isto não é esgotar soluções¹⁰. Aqui nós temos uma aparente – mas só aparente – ruptura com Dewey. Mike diz que não devemos tomar as sugestões de Dewey como sugestões para nós. O que nós precisamos fazer é abordar “os problemas do seu tempo e aprender a partir do método que ele empregou”. Temos, assim, de enfrentar dois compromissos distintos. "É a tarefa de a filosofia cultivar métodos para lidar com os problemas humanos; é tarefa de todos trabalhar em nossos problemas comuns". Confundir estas duas tarefas e procurar respostas programáticas em Dewey é não compreender o seu método. "Ele falou sobre situações particulares, usando seus métodos filosoficamente cultivados"¹¹. Essas situações não são as nossas - embora sua abordagem continue a ser valiosa.

Um terceiro tema que desempenhou um grande papel na perspectiva filosófica de Mike era o da religião. E aqui ele também encontrou a ajuda nos trabalhos de Dewey.

Talvez aproveitando sua experiência pessoal Mike escreveu sobre a preocupação de Dewey "com aqueles que tinham abandonado crenças tradicionais e não estavam nas igrejas, mas que ainda se consideravam - ou desejavam ser - religiosos". Ele viu um papel importante para os religiosos na auto-definição corrente da comunidade. O que Dewey defendeu, e que Mike tentou, era "a emancipação dos elementos religiosos dentro da experiência comum", o cultivo de um senso de um todo maior que é muitas vezes submerso em momentos da vida. Esta emancipação tem sido a tarefa do naturalismo – que Mike descreve como "oposição ao sobrenaturalismo, associação com a ciência e humanidade como parte integral da natureza"¹³ - por pelo menos um século.

Mike escreve que Dewey "estava tentando encontrar um meio termo entre a sua sensibilidade secular e a herança religiosa convencional de seu público leitor"¹⁴. Para aqueles de uma atitude religiosa - entre os quais eu colocaria Mike - esta busca continua. Mike era um pragmatista que chegou atrasado para a filosofia; mas ele se tornou um filósofo que nos ajudou nesta busca.

James Campbell
Universidade de Toledo, EUA
Março de 2011.

NOTAS

1. James Campbell, *A Thoughtful Profession: The Early Years of the American Philosophical Association* (Chicago: Open Court, 2006).

2. "When Philosophy Became What It Is Today," *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, XLIII/2 (Spring 2007), pp. 375-381. Essa passagem aparece na p. 376.

3. *Idem.*, pp. 376-377.

4. *Ibid.*, pp. 378, 380.

5. *Transforming Experience: John Dewey's Cultural Instrumentalism* (Nashville: Vanderbilt University Press, 1998), p. 5. Eldridge is drawing here from Charles Frankel, "John Dewey's Social Philosophy," *New Studies in the Philosophy of John Dewey*, ed. Steven M. Cahn (Hanover, NH: University Press of New England, 1977), pp. 3-44.

6. "Dewey on Race and Social Change," *Pragmatism and the Problem of Race*, ed. Bill E. Lawson and Donald F. Koch, (Bloomington: Indiana University Press, 2004), pp. 11-21. Essa passagem aparece na p. 16.

7. *Transforming Experience*, p. 200.

8. "Thick Democracy Too Much? Try Pragmatism Lite," *Education for a Democratic Society*, ed. John Ryder and Gert-Rüdiger Wegmarshaus, (Amsterdam: Rodopi, 2007), pp. 121-129. Essa passagem aparece na p. 127.

9. *Transforming Experience*, pp. 113-114.

10. "Dewey on Race and Social Change," p. 19.

11. "Dewey's Limited Shelf Life: A Consumer Warning," *In Dewey's Wake: Unfinished Work of Pragmatic Reconstruction*, ed. William J. Gavin, (Albany: SUNY Press, 2003), pp. 25-39. Essa passagem aparece na p. 37.

12. *Transforming Experience*, pp. 147-148,

13. "Naturalism," *Blackwell Guide to American Philosophy*, ed. Armen T. Marsoobian and John Ryder (Malden, MA: Blackwell, 2004), pp. 52-71. Essa passagem aparece na p. 52.

14. *Transforming Experience*, p. 168.